

Ciências Humanas

Revista Brasileira de

ISSN 3085-8178

vol. 2, n. 1, 2026

... ARTIGO 2

Data de Aceite: 02/01/2026

APRENDIZAGEM AUTOGERIDA CAMINHOS, DESAFIOS E POTENCIALIDADES NO CENÁRIO EDUCACIONAL CONTEMPORÂNEO

Jardel de Oliveira Lima

Edson Benedito Silva Sousa

Adriano Clementino da Silva

Kelvya Mayara Moreira Arraes Almeida



Todo o conteúdo desta revista está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

Resumo: A aprendizagem autogerida (ou autodirigida) tem se consolidado como uma das abordagens mais discutidas no campo educacional, sobretudo em contextos marcados pela velocidade das mudanças tecnológicas, pela globalização do conhecimento e pela valorização da autonomia do sujeito. Esta pesquisa bibliográfica analisa as características, vantagens e desvantagens dessa modalidade de aprendizagem, trazendo uma reflexão crítica baseada em referenciais contemporâneos. A premissa central adotada é que a autonomia na aprendizagem não equivale a um processo solitário, mas sim à capacidade de o indivíduo gerenciar ativamente sua trajetória educacional, o que envolve a identificação de suas carências, a definição de metas, a curadoria de materiais e a aferição dos resultados alcançados. Entre as principais vantagens apontadas estão a flexibilidade, a motivação intrínseca e a adequação ao paradigma da educação ao longo da vida. Por outro lado, os desafios não podem ser negligenciados: questões como a necessidade de disciplina elevada, a dificuldade de acesso às tecnologias e o risco de desigualdades no processo de aprendizagem revelam limites importantes. O estudo aponta que a aprendizagem autogerida pode ser um poderoso caminho para o desenvolvimento integral do sujeito, desde que acompanhada de políticas educacionais, apoio institucional e práticas pedagógicas consistentes que favoreçam a equidade. Conclui-se, portanto, que a aprendizagem autogerida, embora promissora, exige planejamento, intencionalidade e mediação adequada para que seus potenciais sejam plenamente explorados no cenário educacional contemporâneo.

Introdução

Nas últimas décadas, o campo da educação tem passado por profundas transformações, impulsionadas pelo avanço das tecnologias digitais, pelas novas exigências do mercado de trabalho e por mudanças sociais que demandam indivíduos mais autônomos e aptos a aprender continuamente ao longo da vida. Nesse contexto, a aprendizagem autogerida (também chamada de autodirigida) emerge como uma abordagem relevante, contrastando com o modelo educacional tradicional, ainda fortemente baseado em métodos transmissivos e com baixa participação dos estudantes. Na perspectiva contemporânea, ocorre uma transição significativa: o modelo tradicional, centrado na figura do docente como transmissor do conhecimento, cede espaço para uma abordagem que posiciona o aprendiz no cerne do processo. Neste novo paradigma, cabe ao estudante a responsabilidade primordial pelo planejamento, execução e avaliação de sua trajetória de aprendizagem (Knowles, 1975; Garrison, 2020).

A ideia de autogerir a aprendizagem não é recente, mas seu potencial se torna cada vez mais relevante diante da velocidade das mudanças no século XXI. Segundo Candy (2020), a autodireção não deve ser compreendida apenas como independência absoluta, mas como a capacidade de interagir criticamente com contextos, recursos e situações, sendo uma prática que envolve tanto escolhas individuais quanto mediações sociais. Nesse sentido, a aprendizagem autogerida deve ser entendida como um processo dinâmico, que demanda do sujeito habilidades de autorregulação, disciplina, resiliência e motivação intrínseca, mas que também se apoia em ambientes

pedagógicos bem estruturados e no suporte institucional.

No Brasil, a discussão em torno da autonomia do estudante tem crescido em políticas públicas e pesquisas acadêmicas, principalmente em razão da ampliação do acesso ao ensino superior e da popularização da educação a distância. Investigações recentes (Moore & Carter, 2021; Costa, 2022) indicam que, se por um lado os ambientes virtuais de aprendizagem podem fomentar a autodireção, por outro eles também escancaram disparidades tecnológicas e a carência de repertório necessário por parte de diversos discentes para enfrentar modalidades educacionais que exigem maior independência. Nesse cenário, refletir sobre as características, os benefícios e os desafios da aprendizagem autogerida é fundamental para mapear seu potencial e seus limites no contexto educacional atual.

Esta pesquisa bibliográfica busca aprofundar a compreensão da aprendizagem autogerida a partir de três eixos centrais: suas características essenciais, que revelam o perfil do estudante autônomo; suas vantagens, que a colocam como uma estratégia potente para o desenvolvimento de competências do século XXI; e suas desvantagens, que expõem os riscos de exclusão, isolamento e fracasso quando não há planejamento e apoio adequados. Ao analisar esses aspectos, pretende-se oferecer uma visão crítica e equilibrada sobre o tema, apontando que a autodireção, embora promissora, não deve ser encarada como solução única ou mágica, mas como parte de uma proposta educativa mais ampla, que contemple mediação docente, políticas de inclusão e práticas pedagógicas inovadoras.

Assim, a presente pesquisa pretende contribuir para o debate acadêmico ao des-

tacar a aprendizagem autogerida como uma estratégia necessária diante das exigências da sociedade atual, mas que exige um olhar atento às suas condições de implementação. Acredita-se que, ao discutir suas potencialidades e limitações, será possível não apenas compreender melhor o conceito, mas também propor caminhos para sua aplicação responsável e equitativa nos diferentes contextos educacionais.

A aprendizagem autogerida no século XXI: autonomia, limites e possibilidades

A aprendizagem autogerida também denominada autodirigida ou self-directed learning tem recebido atenção crescente na literatura acadêmica, especialmente nas áreas de educação de adultos, educação a distância e formação de competências digitais. Embora o conceito tenha se consolidado na década de 1970 com os trabalhos de Malcolm Knowles (1975), que propôs a andragogia como uma abordagem educacional centrada na autonomia do aprendiz adulto, suas bases teóricas vêm sendo constantemente reinterpretadas para responder às transformações sociais e aos avanços tecnológicos contemporâneos. O contexto do século XXI, caracterizado pela superabundância informacional, pela demanda por atualização contínua e pela centralidade da educação permanente (lifelong learning), reforça a premissa de que o indivíduo precisa ser o principal gestor do seu desenvolvimento educacional.

De acordo com Garrison (2020), a aprendizagem autodirigida deve ser compreendida como um processo ativo, em que o sujeito se envolve em três dimensões fundamentais: a autodeterminação, a autorre-

gulação e a autoavaliação. Essas dimensões revelam que a autodireção não é apenas uma escolha, mas uma competência que precisa ser cultivada. Para isso, o estudante deve cultivar habilidades metacognitivas, ou seja, a capacidade de refletir criticamente sobre sua própria maneira de aprender, reconhecendo pontos fracos, adaptando estratégias e monitorando seus resultados. Dessa forma, a aprendizagem autogerida vai além do simples ato de estudar de forma independente; trata-se, sobretudo, de assumir de maneira consciente e intencional o controle sobre o próprio percurso educativo.

No entanto, uma visão romantizada dessa abordagem pode levar a equívocos. A ideia de que todos os indivíduos, ao serem deixados livres, alcançarão uma aprendizagem eficaz, ignora os condicionantes sociais, culturais e econômicos que atravessam o processo. Segundo Costa (2022), muitos estudantes enfrentam barreiras estruturais, como falta de acesso à internet de qualidade, ausência de ambientes adequados para estudo ou mesmo carência de competências digitais básicas. Nesses casos, a ênfase na autodireção pode ampliar desigualdades, privilegiando aqueles que já dispõem de capital cultural e recursos para gerir sua aprendizagem.

Ainda assim, as vantagens da aprendizagem autogerida são amplamente reconhecidas. Uma das principais está relacionada à motivação intrínseca. Quando o sujeito assume o protagonismo no processo de aprendizagem, tende a estabelecer objetivos que fazem sentido para sua trajetória pessoal ou profissional, o que aumenta o engajamento e a persistência diante dos desafios. Além disso, a flexibilidade aparece como outro benefício central: ao poder escolher ritmo,

tempo, espaço e recursos de estudo, o aprendiz consegue adaptar sua rotina de aprendizagem às necessidades do cotidiano. Essa característica se tornou ainda mais evidente durante a pandemia de Covid-19, quando a autogestão da aprendizagem foi essencial para a continuidade dos estudos em contextos de ensino remoto (Moore & Carter, 2021).

Outro aspecto relevante é que a aprendizagem autogerida alinha-se fortemente ao paradigma da educação ao longo da vida. Num cenário de trabalho em rápida transformação, impulsionado pela automação e pela demanda por competências digitais, a capacidade de aprender de modo contínuo e autônomo é amplamente reconhecida como uma das competências essenciais do século XXI. Segundo Illeris (2018), a aprendizagem autogerida configura-se como uma ferramenta crucial para que os indivíduos possam não apenas acompanhar as transformações do mundo contemporâneo, mas também cultivar um pensamento crítico e a resiliência necessária para navegar em um ambiente social e profissional cada vez mais volátil e complexo.

No entanto, é preciso reconhecer as limitações e desvantagens do modelo. Dentre as limitações mais frequentes, destaca-se a demanda por um significativo grau de disciplina e autocontrole. A realidade mostra que nem todos os aprendizes dispõem da maturidade emocional ou de ferramentas internas suficientes para estruturar métodos de estudo eficientes, cenário que pode culminar na evasão ou em sentimento de frustração gerados pelo excesso de informações. Além disso, a aprendizagem autogerida pode provocar sensações de isolamento, já que as interações com colegas e docentes costumam ser limitadas. Esse fator se torna

especialmente crítico em situações nas quais a troca social desempenha um papel fundamental no desenvolvimento de habilidades, como na formação de professores ou no ensino de línguas estrangeiras.

Um ponto crítico levantado por Candy (2020) é que a aprendizagem autogerida, quando adotada de forma acrítica, pode transferir a responsabilidade da aprendizagem apenas para o indivíduo, desconsiderando a função mediadora das instituições e dos educadores. Nesse sentido, o desafio contemporâneo consiste em equilibrar a autonomia do sujeito com a oferta de suporte pedagógico e tecnológico que garanta condições equitativas de participação. Ambientes virtuais de aprendizagem, por exemplo, podem incorporar elementos de gamificação, tutoria e acompanhamento individualizado para auxiliar os estudantes em seu processo de autodireção, reduzindo a sensação de isolamento e promovendo maior engajamento.

Outro aspecto a considerar é a necessidade de políticas educacionais que reconheçam e incentivem a autonomia dos aprendizes, mas que também assegurem equidade de oportunidades. Como defendem Jarvis e Parker (2019), a autodireção só se realiza plenamente quando o sujeito encontra apoio institucional, acesso a recursos e condições de igualdade para desenvolver seu potencial. Dessa forma, a aprendizagem autogerida deve ser vista não como um fim em si mesma, mas como parte de uma política educacional mais ampla, que articule inovação pedagógica, inclusão social e uso responsável das tecnologias.

Portanto, o desenvolvimento da aprendizagem autogerida envolve um movimento dialético: de um lado, a valorização da autonomia, da flexibilidade e da motivação in-

trínseca; de outro, a consciência dos limites que podem emergir quando o processo não é acompanhado de mediação, suporte e políticas de inclusão. Essa tensão é o que torna o tema atual e instigante, exigindo estudos aprofundados e práticas inovadoras que possam explorar seus potenciais sem negligenciar seus desafios.

Considerações Finais

A aprendizagem autogerida, entendida como a capacidade do indivíduo de tomar para si a responsabilidade por seu próprio percurso de aprendizagem, tem se consolidado como um pilar fundamental na educação contemporânea. Em um contexto global marcado por transformações rápidas, produção exponencial de conhecimento e exigências crescentes por cidadãos autônomos e críticos tanto no âmbito profissional quanto no social, a aprendizagem autodirigida se destaca como uma abordagem pedagógica sólida e estratégica para o desenvolvimento das competências consideradas essenciais nos dias atuais.

A pesquisa bibliográfica aqui apresentada permitiu identificar tanto as potencialidades quanto as limitações desse modelo. Entre suas vantagens, destacam-se a flexibilidade, a motivação intrínseca, a adequação à lógica da educação ao longo da vida e a possibilidade de personalização da aprendizagem. Esses fatores tornam a aprendizagem autogerida não apenas uma metodologia inovadora, mas uma exigência em sociedades que valorizam a autonomia e o protagonismo dos sujeitos. Entretanto, não se pode ignorar as desvantagens. O excesso de responsabilidade individual, a necessidade de disciplina elevada, o risco de isolamento e,

sobretudo, as desigualdades sociais e tecnológicas que dificultam a prática autônoma da aprendizagem representam obstáculos significativos. Sem suporte adequado, a autodireção pode se tornar um fator de exclusão, ampliando a distância entre aqueles que possuem recursos e habilidades e os que encontram barreiras estruturais para gerenciar sua própria aprendizagem. Diante disso, a aprendizagem autogerida deve ser compreendida não como substitutiva da mediação docente ou da ação institucional, mas como complementar e integrada a uma proposta educativa mais ampla. É papel dos educadores, gestores e policymakers conceber ecossistemas de aprendizagem que sejam inclusivos, acessíveis e inovadores, capazes de incentivar a autonomia discente sem, contudo, negligenciar o valor fundamental da interação social, da orientação especializada e do suporte pedagógico contínuo.

Referências

Candy, P. C. (2020). *Self-direction for lifelong learning: A comprehensive guide to theory and practice*. Routledge.

Costa, M. A. (2022). Autonomia e desafios na aprendizagem autogerida em ambientes virtuais. *Revista Brasileira de Educação*, 27(1), 45-62.

Garrison, D. R. (2020). *Self-directed learning: Toward a comprehensive model*. *Adult Education Quarterly*, 70(2), 104–122.

Illeris, K. (2018). *Contemporary theories of learning: Learning theorists in their own words*. Routledge.

Jarvis, P., & Parker, S. (2019). *Human learning: An holistic approach*. Routledge.

Knowles, M. (1975). *Self-directed learning: A guide for learners and teachers*. Association Press.

Moore, M. G., & Carter, A. (2021). Educação a distância e aprendizagem autodirigida em tempos de pandemia: desafios e possibilidades. *Education and Information Technologies*, 26(4), 4567–4583.